

A VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR

Leila Maria Ferreira Salles*

Joyce M. A. De Paula e Silva**

Juan Carlos Revilla Castro***

Concepción Fernandez Villanueva****

Roberto Dominguez Bilbao*****

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo contribuir com as discussões sobre jovens e violência no âmbito escolar. Para tanto elaboramos um projeto de pesquisa que tem por objetivo identificar o sentido que a violência adquire para o jovem seja como estratégia de identidade ou como meio para obter presença social como grupo, relacionando-a as suas trajetórias pessoais, grupais e de classe, e as condições objetivas de exposição a situações de violência. Neste artigo é apresentada uma análise parcial dos dados coletados. Buscamos neste texto nos atentar para as explicações da violência presentes nos discursos dos jovens no que diz respeito à violência a e da escola.

PALAVRAS CHAVES: Jovens, Violência. Escola

1. VIOLÊNCIA E JOVENS

A violência envolvendo jovens é bastante freqüente. Cotidianamente os noticiários retratam situações de jovens que protagonizam situações de violência: roubos, assaltos, vandalismo, violência entre grupos nas ruas, violência nas escolas, etc,

A violência se caracteriza por um tipo específico de relações sociais que para serem mantidas ou alteradas precisa de uma ameaça latente ou explícita (FERNÁNDEZ-VILLANUEVA ET AL., 1998 p. 46). Os atos agressivos implicam em condutas ou comportamentos de dano, de menosprezo, de desdém, de ataques à integridade física, social,

* Pós-doutora em Psicologia Social – UNESP/RC- leila@rc.unesp.br;

** Livre Docente em Administração Escolar - UNESP/RC - joyce@rc.unesp.br;

*** Doutor em Psicologia social – Univ. Complutense Madrid;

**** Titular em Psicologia Social - Univ. Complutense Madrid,

***** Doutor em Psicologia Social – Univ. Rey Juan Carlos;

Os autores deste artigo estão ligados ao projeto de Pesquisa e de Formação de Profissionais para Atuar com a Problemática Violência de Jovens - Fapesp: Programa Especial – Ensino Público. O qual está sendo desenvolvido em conjunto por docentes do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro, Universidade Complutense de Madrid e Diretoria de Ensino de Limeira.

simbólica, psicológica ou patrimonial do outro. Há um processo histórico de interação entre os agressores e as vítimas que, em geral, vai se intensificando.

A violência não pode ser reduzida ao plano físico, abarcando também o psíquico, o moral e o sócio-cultural. Assim, a violência pode se manifestar por meio de agressões físicas ou por signos, preconceitos, metáforas, desenhos, ou por qualquer coisa que possa ser interpretada como ameaça ou intimidação. Em relação a isso concordamos com Velho (2000), que associa a violência a uma idéia de poder, quando enfatiza a possibilidade de imposição de vontade, desejo ou projeto de um indivíduo sobre o outro.

Com respeito à violência escolar, Charlot (2002) caracteriza a mesma como: violência na escola, violência à escola e violência da escola. As duas primeiras se referem a violência dos alunos e a terceira a violência da instituição. Segundo Charlot (2002, p. 434): “a violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar”. Na escola, a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e à ordem estabelecida. A falta de limites associada à desconsideração pelos outros contribuem para que os jovens e adolescentes busquem se impor pela força e pela agressão. Já a violência à escola está “ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam”. Ou seja, violências que visam diretamente à instituição escolar e aqueles que a representam. Para o autor essas duas formas de violência se somam à violência da escola caracterizada por ele como “uma violência institucional, simbólica, que se expressa pela maneira como a instituição e seus agentes tratam os jovens” (CHARLOT, 2002, p.434).

A violência institucional se fundamenta no pressuposto de que qualquer tipo de educação necessita inevitavelmente de certa imposição de disciplina ou de controle, independente da ideologia ou da cultura a ser transmitida e interiorizada pelas novas gerações.

O recrudescimento da violência no âmbito escolar tem atualmente, em alguns contextos, estimulado uma exacerbação dos procedimentos disciplinares. Parece que ante a nova realidade do alunado, caracterizada por uma maior diversidade, insubordinação e inclusive agressividade, uma resposta freqüente é a de fortalecer os mecanismos de imposição de controle e de ordem, mesmo em detrimento dos próprios conteúdos escolares ou dos métodos pedagógicos considerados mais adequados.

No entanto, ao discutirem o recrudescimento da disciplina e do controle nos EUA, enquanto estratégias frente à incidência de problemas entre ou com os alunos Noguera (1995), Hyman E Perone (1998), afirmam que essas estratégias podem, ao contrário do esperado, agravar a incidência de problemas no âmbito escolar. Também Miller (1990) assinala que recorrer a castigos violentos para controlar o comportamento das crianças pode induzir-las a reproduzir estes comportamentos quando adultas e encarregadas de educar a geração seguinte. Para EPP (1996) os métodos autoritários podem conseguir a docilidade de alguns alunos, mas, em geral, geram uma maior frequência de comportamentos violentos, geralmente contra os iguais.

Igualmente contraproducente é a violência dos professores em relação aos alunos, tanto na forma de maus tratos físicos como psicológicos. Ao discutirem o contexto escolar francês, Dubet e Martuccelli (1996) afirmam que se os alunos percebem a violência como injusta ou como consequência de um erro do professor a relação entre professor e alunos tende a se deteriorar. Isto é particularmente verdadeiro para os estudantes das classes populares que criticam mais abertamente as condutas “injustas” dos professores que não acreditam neles, que mesmo sem motivos os acusam, que não consideram suas explicações e que desconhecem a sua vida pessoal (DUBET, MARTUCELLI, 1996, p.96). Hatipoglu e Aydin (1999) apontam que os professores acreditam que somente ocorre violência quando não vêem outra saída, o que pode indicar que na falta de outros recursos eles recorrem ao que conhecem, isto é, a violência, forma pela qual eles próprios foram disciplinados em sua infância. Os autores assinalam que, apesar das medidas legais contra a violência física na escola, há um componente cultural que legitima a utilização da mesma na educação formal das crianças, que, inclusive, é empregada com a aprovação implícita ou explícita dos pais. Outros estudos, como o de Bourdieu e Passeron (1967) tem procurado entender o significado da violência escolar em uma outra perspectiva. A violência simbólica perpetrada pelas escolas faz com que as representações ou as idéias sociais dominantes sejam aceitas sem questionamento. Os conteúdos, os métodos de trabalho e de avaliação, e as relações pedagógicas se constituem em uma violência simbólica que é exercida sobre os alunos de classes populares tendo como sustentação a autoridade pedagógica e a legitimidade da instituição escolar.

Assim, a postura de que o caminho para solucionar a crise vivenciada nas escolas implica em uma imposição exacerbada dos procedimentos disciplinares e da autoridade que

pode, inclusive, escorregar para o autoritarismo é questionada. As posturas autoritárias restringem a autonomia do aluno e não permitem a construção de um pensamento autônomo e crítico.

Diferentes discursos e posturas acerca da autoridade e de como impor disciplina se fazem, então, presentes nas escolas. Muitas vezes qualquer contestação é entendida como desobediência, desordem, bagunça, desrespeito as autoridades enquanto que outras vezes, qualquer limite, parâmetro e diretriz é visto como uma prática autoritária e cerceadora da espontaneidade dos alunos de forma que os desejos e vontades do adolescente devem ser norteadores do espaço escolar.

Neste contexto, começa a ganhar espaço entre os educadores a proposta de discussão conjunta entre alunos e equipe escolar das normas disciplinares. O pressuposto é que os parâmetros e normas de conduta são respeitados quando são frutos de uma discussão conjunta. Procura-se dar oportunidade para que o aluno tome decisões e se sinta co-responsável pela organização do espaço escolar refletindo sobre a legitimidade das regras (REGO, 1996, SALLES, 2000, AQUINO, 2003). Os jovens são considerados colaboradores e participes dos processos educativos que com eles se desenvolvem.

A partir destas inquietações foi desenvolvido um projeto de pesquisa sobre a temática jovem, violência e escola. O interesse desse projeto foi investigar a interpretação dos jovens sobre a violência na sociedade, na escola e na sua própria vida. Buscou-se, nesse estudo, identificar o sentido que a violência adquire para o jovem seja como estratégia de identidade ou como meio para obter presença social como grupo, relacionando-as a suas trajetórias pessoais, grupais e de classe e às condições objetivas de exposição às situações de violência.

No presente artigo são apresentadas as análises das diferentes explicações da violência presentes nos discursos destes jovens no que diz respeito à violência a e da escola. O pressuposto deste estudo é que conhecer a perspectiva de agressores dos jovens contribui para esclarecer os universos simbólicos e normativos que regulam as condutas violentas e as possíveis formas de reduzir sua incidência.

Foi utilizada como metodologia a “entrevista de grupo”. As entrevistas em grupo ou com grupos focais (GATTI, 2005) consistem em uma metodologia de pesquisa que permite a coleta do discurso dos participantes sobre a sua realidade forçando a verbalização de idéias e

experiências. Para tanto é solicitado a cada participante do grupo que se posicione frente a temas que vão sendo propostos pelos pesquisadores e se busca incentivar a discussão entre eles a respeito de cada temática. Optou-se neste estudo pela utilização dessa metodologia interpretativa por entender que esta permite acessar o discurso “natural” dos participantes.

Um dos grupos – Grupo 1 – foi constituído por alunos que, segundo os professores e a coordenação da escola, costumam protagonizar situações de violência. O outro grupo – Grupo 2- foi constituído por jovens considerados bons alunos. Nos dois grupos participaram homens e mulheres. Os alunos estavam matriculados nas 1ª, 2ª, e 3ª séries do ensino médio.

Foram realizadas 8 entrevistas de grupo (com 6 a 8 participantes em cada uma) 4 com cada grupo de jovens. As entrevistas foram realizadas na própria escola já que esta se constitui um local de frequência habitual dos jovens que assim estão em seu ambiente “natural”.

Embora a escola que os jovens freqüentavam na época das entrevistas se localizasse em uma zona central da cidade os alunos eram provenientes de bairros periféricos e pobres da cidade, com um alto índice de violência urbana. A própria escola tem fama de ser uma escola violenta. Inclusive, há quatro anos ocorreu em suas dependências o assassinato de um aluno.

2. A VIOLÊNCIA À ESCOLA E DA ESCOLA COMO JUSTIFICATIVA.

A violência à escola e da escola podem ser entendidas como ação-reação uma da outra. A fala dos jovens durante as entrevistas - tanto os do grupo 1 quanto os do grupo II- foram no sentido de que os jovens agredem a escola, quebram os vidros ou as portas, confrontam os professores, etc. devido à violência que a escola exerce sobre eles.

Os jovens dos dois grupos falam do desrespeito que marca as relações entre eles e os adultos no âmbito escolar, como exemplificado pelos depoimentos que seguem. Um aluno do Grupo I conta que, naquele mesmo dia da entrevista, ele e mais outros três estudantes estavam em uma sala de aula vazia fazendo flexões. A coordenadora da escola vai até a sala onde eles se encontravam e pede para que os alunos se retirem e voltem à sua sala de aula. Entretanto pede a ele, somente a ele, que lhe mostre o braço, pois estava suspeitando que ele estivesse utilizando drogas. Quando questionado sobre como percebia essa situação o aluno responde que para ele a atitude da coordenadora era motivada pelo fato de que, do grupo de alunos, ele

era o único que era negro. Uma aluna participante do mesmo grupo, conta que um dia na escola estava com as suas colegas cantando uma música de rap, um professor ao escutá-las cantar começou a ofendê-las dizendo que elas eram nada, que eram drogadas, porque quem gosta de rap é esse tipo de gente. Segundo conta, ela tentou argumentar com o professor dizendo que apenas gostava desse estilo musical e que isso não significava que ela era como ele estava dizendo e que não entendia porque não poderia gostar desse tipo de musica.

Assim, muitas vezes o jovem nas instituições escolares é reduzido a estereótipos que são construídos em relação a ele e que podem promover conflitos entre estes e o mundo adulto, no caso direção, professores e funcionários da escola.

Em geral, tomamos aquilo que somos como a norma e por meio dela descrevemos, avaliamos e discriminamos. A discriminação leva à intolerância frente ao diferente. O outro pode ser segregado, excluído ou desrespeitado. A diferença que é ressaltada acaba muitas vezes por justificar agressões e desrespeito .

Em outros casos, a violência é explicada por se sentirem vítimas de uma injustiça (de acusações que consideram falsas) e pela imposição de uma disciplina que não aceitam.

E às vezes é ele (diretor) que mexe e zoa com os outros. Assim, você não tá fazendo nada, ele vai lá e joga a culpa pra você e sobra pra você. Ou às vezes se você chega atrasado ele já dá advertência. Daí acontece rebelião por causa disso? É o cara se revolta e estoura tudo mesmo.

Se eu tiver errado, porque nos fomos pra diretoria, né, se eu tiver errado eu abaixo a cabeça e fico quieto, se eu tiver certo vou até onde achar que devo ir. (informação verbal)²

Falas como as exemplificadas acima indicam uma rejeição à disciplina escolar e à legitimação das condutas violentas pela percepção de injustiça. No imaginário do grupo, as injustiças alimentam uma imagem de professor e da escola como uma ordem social estranha e inimiga deles.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a lógica da violência a violência à escola e a violência da escola, isto é entre a escola e os alunos, se caracteriza por uma mútua incompreensão. Os jovens não

² Entrevistas de grupo realizadas com jovens matriculados nas 1ª, 2ª, e 3ª séries do ensino médio. Realizadas na própria escola em limeira, pelo projeto de Pesquisa e de Formação de Profissionais para Atuar com a Problemática Violência de Jovens - Fapesp: Programa Especial – Ensino Publico

aceitam as normas escolares e a escola não é capaz de corresponder às expectativas dos alunos. Os jovens de classes trabalhadoras com muita frequência têm estilos juvenis que se opõem à escola. A subcultura de muitos adolescentes de classe trabalhadora é marcadamente antiescolar, na medida em que resistem ao controle que a escola exige e cujos conhecimentos são vistos como inúteis ou pelo menos de utilidade duvidosa (DUBET e MARTUCCELLI, 1996; WILLIS, 1977, BOURDIEU, 1999).

Por isso, um aspecto importante desta incompreensão mútua são as identidades negativas que se atribuem professores e alunos. No espaço escolar a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro e esse desrespeito é acompanhado da atribuição de estereótipos. Como diz Goffman (1988), atribuímos às pessoas uma identidade social virtual e, a partir do caráter que imputamos a elas, fazemos exigências sobre aquilo que o indivíduo deve ser. Quando aquilo que é imputado ao indivíduo adquire uma conotação depreciativa estamos, segundo o autor, falando de estigmas ou estereótipos. Pelo processo de estigmatização o indivíduo passa a ser visto como diferente do normal ou como desviante, como pôde ser verificado nos relatos dos alunos descritos acima. Ser negro e mau aluno e/ou gostar de rap pode ser implicar em ser percebido como drogado ou como nada.

A instituição escolar se organiza em torno de regras. A escola impõe um código disciplinar que igual a todos os alunos o que, inclusive, permite classificá-los. Assim, é difícil para a instituição se adaptar as rupturas da rotina diária. Nesse sentido, diversos estudos mostram a importância de que o estilo do professor seja adequado para a minimização da violência. Isso significa que o professor deve mostrar interesse e preocupação pelos alunos, capacidade para comprometer-lhes nas tarefas escolares e na tomada de decisões e que seja capaz de administrar os conflitos com justiça e sem humilhações (NOGUERA, 1995; COTHRAN e ENNIS, 2000). Por outro lado é injusto colocar toda a responsabilidade da violência sobre os professores, pois as condições de realização do seu trabalho são normalmente difíceis e não contam sempre com suficiente apoio institucional (REVILLA, 2002). Além disso, esta redução do problema da violência da escola a atuação do professor implica em se desconhecer que a violência no âmbito escolar é multideterminada.

Mesmo sendo a violência de jovens multideterminada devemos nos atentar, conforme diz Charlot (2002), para o fato que se a escola é, em grande medida, impotente com respeito à violência na escola, isto é, a violência que é reflexo do mundo externo, ela não o é com respeito a sua ação face à violência da escola e à escola.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *Los estudiantes y la cultura*. Barcelona: Labor, 1967.
- BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes. 1999.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias*. Porto Alegre, n.8, ano 4, jul./dez. 2002, p.432-443.
- COTHRAN, D. J.; ENNIS, C. D. Building bridges to student engagement: communicating respect and care for students in urban high schools. *Journal of Research and Development in Education*, 33, 2, 2000, pp. 106-117.
- DUBET, G. «Les figures de la violence à l'école». *Revue française de pédagogie*, n ° 123, 1998, 35-45.
- DUBET, F; MARTUCCELLI, D. *À l'école. Sociologie de l'expérience scolaire*. Paris: Seuil, 1996.
- EPP, J.R. Escuelas, complicidad y fuentes de la violencia. In EPP, J. R.; A.M. WATKINSON, A. M. (eds.): *La violencia en el sistema educativo*. Madrid: La Muralla, p. 15-47, 1966.
- FERNÁNDEZ-VILLANUEVA, C., DOMÍNGUEZ, R., REVILLA, J.C., y GIMENO, L. *Jóvenes violentes: causas psicosociológicas de la violencia en grupo*. Barcelona: Icaria, 1998.
- GATTI, A. Bernadete. *Grupo focal na Pesquisa em Ciências sociais e humanas*. São Paulo: Líber Livro, 2005.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ªed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.
- HATİPOĞLU, Z.; AYDIN, G. Incidence of violence in Turkish schools: a review. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 21, 4, 1999, pp. 335-347.
- HYMAN, I. A.; PERONE, D.C. The other side of school violence: educator policies and practices that may contribute to student misbehavior. *Journal of School Psychology*, 36, 1, 1998, pp. 7-27.
- MILLER, A. *Por tu propio bien. Raíces de la violencia en la educación del niño*. Barcelona: Tusquets, 1990.
- NOGUERA, P. Preventing and producing violence: a critical analysis of responses to school violence. *Harvard Educational Review*, 65, 2, 1995, pp. 189-212.
- REGO, T C R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygostskiana. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, p.83-102, 1996.

REVILLA, J.C. La violencia de los alumnos en los centros educativos. *Revista de Educación*, 329, 2002, pp. 513-532.

SALLES, L. M. F. Desvelando a Escola: o adolescente, o professor do aluno adolescente e a indisciplina na escola. In: SALLES, L. M. F; LEITE, C. D; LOUVEIRA, M. B (Orgs.). *Educação, Psicologia e Contemporaneidade: novas formas de olhar para escola*. Taubaté, São Paulo: Cabral Universitária, 2000, p. 131-154.

SILVA, J. M. A de P. Cultura escolar, autoridade, hierarquia e participação: alguns elementos para reflexão. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v. 112, 2001, p.125-136.

SILVA, L. C. F. Da. Possíveis incompletudes e equívocos dos discursos sobre a questão da disciplina. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 19, n. 62, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade. In VELHO, G. ALVITO, M. *Cidadania e Violência*. 2ª.ed, Rio de Janeiro: Editoras UFRJ/FGV, 2000.

WILLIS, P. *Aprendiendo a trabajar. Cómo los chicos de la clase obrera consiguen trabajos de clase obrera*. Madrid: Akal, 1977.